REFLEXÃO

MUDANÇA

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Mas na profissão, além
de amar tem de saber.
E o saber leva tempo para crescer.

Rubem Alves

O AGRONEGÓCIO vive, diuturnamente, a volatilidade dos preços, dos balanços de oferta e procura, dos desequilíbrios e desentendimentos entre nações, da fúria do radicalismo ambiental, do clima e das transformações inevitáveis resultantes disso tudo e das rupturas tecnológicas. Cada um destes aspectos tem seu tempo, sua dinâmica. Mas, todos giram em torno das mudanças, que virão.

O agronegócio foi a âncora verde do Plano Real. Pagou um ônus pelo reequilíbrio do Brasil. Isso aconteceu também em planos anteriores. A consequência dos fatos amadureceu este setor, que se alimentou do sabor da liberdade e do mercado e se fortaleceu de forma definitiva. Muitos, no entanto, pereceram pelo caminho. A eles a nossa gratidão. Outros ainda sofrem e lutam para continuar, e, a estes, nosso respeito e apoio. Afinal, a balança comercial brasileira respira (ou seja, com o saldo acima de zero) graças ao agronegócio e aos milhares de brasileiros empregados nas diversas cadeias produtivas deste setor.

As características do agronegócio, no Brasil, são aumento contínuo de produtividade, com pequeno crescimento de área e substituição de culturas e tecnologia em campos menos produtivos. A intervenção ou o auxílio governamental são relativamente pequenos ou ínfimos quando comparados aos dos outros países. Crescer é resultado da mudança dentro de cada um, o que envolve riscos ao passar do comodismo ao relativamente ousado e desconhecido.

Falando em riscos, nada corre tantos riscos quanto a agricultura; nada sofre tanto com a falta de logística e de portos quanto o agronegócio brasileiro exportador. Mas, o setor busca a mudança, incessantemente. Não há acomodação, não há o desejo de destruir para crescer. Existe, sim, o respeito pelo meio ambiente, pela sociedade e pelo País.

Produzir, em ambiente de mudanças constantes, é elevar o risco a patamares por vezes insuportáveis. O Brasil das ruas, em 2015, pede mudanças políticas profundas. Em síntese, pede compromisso e respeito. Reclama das involuções, da lógica da manutenção do poder, e não da busca de melhoria, da evolução.

O agronegócio brasileiro tem mostrado virtudes, mas sempre sob pressão. Isso obriga a manutenção de um estado de alerta crítico e, principalmente, de assimilação de seus erros para mudar. Os investimentos em pesquisa, os suportes do Governo e da sociedade, a postura de aumentar o saber são, sem dúvida, o caminho que leva o Brasil ao mundo. Não é por acaso que o país do agronegócio é sempre lembrado, não somente pelo carnaval e pelo futebol. O que pode ser mais gratificante do que alimentar o mundo? Onde nos inserimos?

A educação e a comunicação são essenciais ao setor produtivo. Ao distanciamento do campo, num agressivo processo de urbanização, as raízes do agronegócio devem ser, sempre, lembradas. São as raízes do Brasil.

Se toda conquista começa com a decisão de tentar, toda mudança carrega o medo da perda de controle. De qualquer forma, vale relembrar Darwin, que cristalizou um pensamento de mudança: "não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças".

Mudar é preciso! ■

